

A moralização em Diodoro

Sículo: uma análise da narrativa sobre os eventos de Ducécio

Leonardo Viola*

DOI: 10.11606/issn.2318-8855.
v12i149-64

Resumo: Diodoro Sículo foi um autor natural da cidade de Agírio, na Sicília, e viveu, aproximadamente, entre os anos 90 e 30 a.C. Escreveu uma obra cujo nome é *Biblioteca Histórica*. Apesar de se propor a escrever uma obra de cunho moralizante e que abarcasse uma grande linha temporal e espacial, o autor deu especial atenção aos eventos da Sicília. No livro XI são narrados os eventos de Ducécio, um líder sículo (povo nativo da Sicília), e de seu movimento, ocorrido entre os anos 461 e 440 a.C. O presente estudo tem como objetivo uma análise do uso, por parte de Diodoro, dos elementos moralizantes, em especial a Týchē (Fortuna), dentro da figura de Ducécio e de suas ações. Ele acaba por ser inserido, assim como outros personagens importantes historicamente para Diodoro, dentro da narrativa moralizante. Diodoro insere suas visões acerca do abuso da Týchē e de como isso poderia afetar a comunidade, pondo mais de um elemento moralizante, a fim de educar o leitor de seu tempo.

Palavras-chave: Diodoro; Ducécio; Fortuna; moralização.

* Graduando em História — Licenciatura pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR). E-mail para contato: l22111999@gmail.com. Agradeço à minha orientadora a Prof^a Dr^a Adriana Mocelim pelo apoio e orientação na Iniciação Científica.

Introdução

O presente artigo tem como objetivo compreender e analisar os eventos ligados ao líder sículo Ducécio (461-440 a.C) sob a ótica moralizante de Diodoro Sículo (90 ou 80-30 a.C). Conforme Hau (2016), o autor de Agírio faz uso de artifícios retóricos e insere, dentro de sua narrativa, alguns elementos divinos, como a Týchē (Fortuna), buscando, dessa maneira, mostrar a sua visão de mundo e tentando educar o seu leitor pela exaltação dos bons exemplos e pela reprovação dos maus (MUNTZ, 2017, p. 7-8). Tendo isso em mente, foi feito um recorte, dentro da obra de Diodoro, e foram escolhidos os eventos relacionados a Ducécio e ao seu movimento social e político, que se situam majoritariamente no livro XI da Biblioteca Histórica e, em uma pequena parte, no livro XII.

É importante destacar inicialmente a distância temporal entre o autor e os acontecimentos por ele narrados, que datam dos anos 461 a 440 a.C., mas também o fato de serem eventos ocorridos na própria Sicília, onde nasceu, e para a qual Diodoro dedica especial atenção. Para tal questão, Ambaglio (2005, p. 84, tradução própria) destaca que:

Não faltam na Biblioteca Histórica os elementos de patriotismo e de regionalismo, mas não era apenas uma questão de patriotismo local porque, além disso, a supremacia romana havia movido o eixo político do oriente para o ocidente, e o papel decisivo da Sicília na ascensão de Roma – a Sicília como primeira experiência de conquista para além da península itálica – atualizava a utilidade de se conhecer a história antiga da ilha¹.

¹ No original: “Non mancano insomma nella Biblioteca storica gli elementi di patriottismo e regionalismo, ma non era solo questione di patriottismo locale perché intanto il sopravvento di Roma aveva spostato l’asse politico dall’oriente all’occidente e il ruolo decisivo della Sicilia nell’ascesa di Roma – la Sicilia come primo esperimento di conquista fuori della penisola italica – riattualizzava l’utilità di conoscere la storia arcaicissima dell’isola”.

A moralização em Diodoro Sículo: uma análise da narrativa sobre os eventos de Ducécio

Na primeira parte do artigo foi realizada uma análise do contexto em que o autor viveu, por estar situado em um contexto histórico completamente distinto daquele dos eventos ligados ao movimento sículo de Ducécio. Dessa forma, pôde-se compreender a influência que as guerras civis romanas (49-45 e 32-30 a.C) e o fim da república causaram dentro de sua maneira de ver o mundo e a própria história. Além do contexto, foi analisada a própria obra do autor, inicialmente buscando entender qual a intenção do autor ao escrevê-la. A partir disso, analisou-se a maneira com que Ducécio foi retratado dentro da obra e qual ou quais foram os elementos moralizantes inseridos dentro da narrativa, buscando compreender como o autor emprega esses artifícios para que ele, conforme Sacks (1990, p. 24), consiga melhorar moralmente seu leitor.

Já na parte final do artigo, analisar-se-á a influência da filosofia estoica dentro da visão historiográfica de Diodoro, bem como a inserção da Fortuna dentro da história de Ducécio e qual é a intenção de Diodoro ao colocá-la dentro de sua narrativa. Para isso, foi necessário compreender o contexto político vivido pela recém democrática Siracusa e sua divisão interna, bem como o suposto culto à Fortuna que havia naquela cidade, fazendo uso, também, de Cícero, autor contemporâneo de Diodoro e que também relata acerca do culto da Fortuna dentro da cidade de Siracusa.

1. Ducécio como personagem histórico segundo Diodoro

Para compreender como e por qual razão Ducécio é retratado na obra de Diodoro, é necessário retomar o contexto histórico do autor. Vivendo em um contexto em que Roma já dominava o mar Mediterrâneo, Diodoro é influenciado direta ou indiretamente pelo domínio de Roma. Havia, segundo Muntz (2017, p. 215), um grande movimento intelectual no período final da república romana, que Diodoro fazia parte,

mas, diferente de outros intelectuais gregos de seu tempo, Diodoro, conforme Rawson (1985), não estava ligado a nenhuma família aristocrática, sendo autônomo. Sacks (1990, p. 117) destaca que a expansão territorial romana influenciou a historiografia de Diodoro, especialmente o governo de Caio Verres (73-71 a.C), que saqueou a Sicília no período em que Diodoro ainda vivia na ilha. Roma também passava por momentos de turbulência interna e guerras civis. Nesse contexto, Cordano (2018, p. 31, tradução própria) aponta que a guerra social (90-89 a.C) entre Roma e os povos itálicos, mostrou que:

O tema moral da moderação, que os dominadores devem mostrar sobre ex-inimigos, assim como os senhores sobre os servos e dos magistrados romanos sobre os povos conquistados (e assim por diante) se tornou uma ideia chave, que aparece frequentemente ao longo de sua obra².

Assim, é importante observar sobre o autor que “o compromisso de Diodoro com a história, não se constitui pela fidelidade para com os feitos narrados, mas pelo conteúdo historiográfico, que propõe consolidar uma síntese conclusiva do ser humano e advertir sua condição de valor”³ (ORRIOLS, 2015, p. 11, tradução própria). A visão de história de Diodoro é colocada pelo próprio autor em seu proêmio, em que ele afirma que “a história — que é como a mãe (mētrópolis) de toda a filosofia —, tem o poder de forjar o caráter humano para a nobreza de comportamento”⁴ (Diodoro Sículo, Biblioteca Histórica. I, 2, 2)⁵; dessa maneira, tem-se logo a ideia de que Diodoro

² No original: “Il tema morale della moderazione che dovrebbero evidenziare i dominatori nei confronti degli exnemici, così come i padroni verso i servi e i magistrati romani verso i popoli assoggettati (e via di seguito), diviene per giunta un importante leitmotiv che si nota attraversare e affiorare ripetutamente nel corso dell’opera”.

³ No original: “El compromiso de Diodoro para con la historia, que no se constituye a partir de la fidelidad de los hechos narrados sino de su contenido historiográfico, que se propone consolidar una síntesis conclusiva del devenir humano y advertir su condición valórica”.

⁴ No original: “ἱστορίαν, τῆς ὅλης φιλοσοφίας οἰονεὶ μητρόπολιν οὔσαν, ἐπισκευάσαι δύνασθαι τὰ ἤθη μᾶλλον πρὸς καλοκάγαθίαν”.

⁵ Todas as traduções feitas dos trechos de Diodoro foram realizadas a partir das versões italianas citadas na bibliografia.

A moralização em Diodoro Sículo: uma análise da narrativa sobre os eventos de Ducécio

escreve uma história moralizante, visando moldar o leitor pelas boas ações do passado, sendo assim, ao se referir ao contexto vivido por Ducécio não foi diferente.

Tendo em vista a questão moral dentro da Biblioteca Histórica, Ducécio é mostrado como um líder militar e político que ganhou grande fama entre seu povo, os sículos, após a tomada de Morgantina, definida como uma cidade importante. Entretanto, uma característica marcante descrita acerca das conquistas de Ducécio é a divisão das terras entre os seus súditos ou apoiadores (Diod. Sic. XI, 76, 3; 78, 5; 90, 1). O destaque para esse comportamento de Ducécio pode evidenciar uma visão positiva tida por Diodoro sobre o bom tratamento para com os súditos, podendo mostrar o líder sículo como uma figura modelar para um contexto conturbado como o de Diodoro; tendo em vista isso, Morais (2008, p. 130) afirma que “Os modelos humanos a que Diodoro dedica sua Biblioteca Histórica são, naturalmente, chefes guerreiros, generais que comandam exércitos e influenciam seus subordinados pelo exemplo concreto de suas vidas”, o que fica claro dentro da figura militar de Ducécio. O número elevado de vitórias militares (como em Catania, Morgantina, Etna e Motyon) de Ducécio também acaba exaltando, de certo modo, as habilidades dele enquanto chefe guerreiro.

Observando esse cenário, o apontamento de Orriols (2015, p. 12) de que Diodoro visava educar os homens de seu tempo, que segundo Rawson (1985, p. 61) seriam os leitores romanos, mostra uma provável intenção do autor ao destacar as virtudes de Ducécio como líder militar e político.

Até a fundação de Paliké, Ducécio havia sido aliado de Siracusa, tendo, inclusive, lutado ao lado da cidade grega contra os apoiadores da tirania, que haviam se

refugiado em Catania (Diod. Sic. XI, 76, 3), entretanto, quando tomou a cidade de Etna (Diod. Sic. XI, 91, 1), Diodoro destaca que Ducécio conquistou a cidade após matar, por meio do engano ou da traição, a pessoa que ali governava. Depois desse ato, Ducécio move guerra contra Motyon, fortaleza de Akragas, e forma-se uma coalizão com Siracusa para vencer Ducécio. O destaque, dado por Diodoro ao assassinato cometido por Ducécio para tomar a cidade, pode mostrar uma má ação que o próprio autor reprovou, e teve, como consequência, o fim da aliança com Siracusa.

Mais adiante, após a derrota em Nomai contra Siracusa (Diod. Sic. XI, 92, 1), Diodoro destaca que seus próprios aliados haviam se afastado dele (Ducécio) e outros conspiravam contra ele, mostrando um tema moralizante importante na obra de Diodoro, que Morais (2008, p. 131) aborda como:

O modo como a tropa vê seu general é de extrema importância para que seu sucesso como líder gere o respeito necessário para que possa comandar. A imprudência e a insolência de Pérdicas, por exemplo, acabou por fazer-lhe perder a vida através das mãos de seus próprios soldados.

Assim, pode-se entender que o início da queda do movimento de Ducécio se deu, possivelmente, pela ação de matar um governante por meio do engano, o que mudou a postura de Siracusa perante o líder sículo e agravado pela derrota em Nomai, mudou a visão que seu próprio exército tinha dele. Sobre a fama dada por Diodoro ao líder sículo, entretanto, é importante destacar o que Péré-Noguès (2012, p. 167, tradução própria) mostra sobre a figura de Ducécio dentro da Biblioteca Histórica:

Podemos de fato supor que uma memória poderia ter sido construída em torno da fama do chefe sículo e do lugar simbólico que era Palikè. Associado à memória de um lugar conhecido como um dos mais importantes santuários da Sicília oriental, o episódio de Ducécio permitiu a Diodoro reconectar-se com uma história local que, sem dúvida, havia desaparecido dos escritos históricos de seu

A moralização em Diodoro Sículo: uma análise da narrativa sobre os eventos de Ducécio

tempo. Quanto à personalidade de Ducécio, poderia corresponder às expectativas de um público siciliota impregnado de cultura greco-romana, mas sem dúvida suficientemente conhecedor das tradições insulares para apreciar também referências a uma história mais local. O historiador de Agírio pôde assim demonstrar que a história da Sicília oferecia, da mesma forma que a da Grécia, uma galeria de figuras históricas cuja memória foi transmitida de geração em geração⁶.

Assim, observa-se uma componente regionalista de Diodoro, como citado acima por Ambaglio (2005) que, apesar de escrever uma obra que abarcava os mais diversos períodos históricos e as mais diversas localidades do mundo conhecido, não abandonou sua realidade local, a Sicília, visando escrever não apenas para um público grego ou romano, mas também para os siciliotas, que poderiam ver em Ducécio um exemplo a ser seguido.

2. A Fortuna como elemento moralizante na história de Ducécio

Farrington (1937, p. 5) define Diodoro como sendo um adepto da filosofia estoica⁷, devido à sua adesão às ideias de irmandade da humanidade, já presentes em Zenão de Cítio, fundador do estoicismo, ou ainda através de sua visão de uma única grande pólis do mundo ao invés de divisões em cidades-estado (FARRINGTON, 1937, p. 15), e colocando como exemplo da influência estoica o próprio prefácio de Diodoro (Diod. Sic. I, 3). A Týchē (ou Fortuna) é um elemento dessa comunidade humana, uma

⁶ No original: "On peut en effet supposer qu'une mémoire a pu se construire autour de la doxa du chef sikèle et du lieu symbolique qu'était Palikè. Associé à la mémoire d'un lieu réputé comme l'un des sanctuaires les plus importants de la Sicile orientale, l'épisode de Doukétios permettait à Diodore de renouer avec une histoire locale qui avait sans doute disparu des écrits historiques de son temps. Quant à la personnalité de Doukétios, elle pouvait répondre aux attentes d'un public sikéliote baigné de culture gréco-romaine, mais sans doute suffisamment averti des traditions insulaires pour apprécier aussi les références à une histoire plus locale. L'historien d'Agyrion pouvait ainsi démontrer que l'histoire de la Sicile offrait, au même titre que la Grèce, une galerie de personnages historiques dont le souvenir s'était transmis de génération en génération".

⁷ Foi uma das grandes escolas filosóficas do período helenístico (323-30 a.C), assim chamada pelo pórtico pintado (Stoá poikilé) onde foi fundada, por volta de 300 a.C, por Zenão de Cítio (ABBAGNANO, 2007, p. 375).

vez que ela intervém em todas as civilizações (FROMENTIN, 2006, p. 231).

Dentro das concepções éticas do estoicismo, Audi (1999, p. 880) destaca o princípio estoico de que somente a virtude é boa, Hau (2016, p. 95) especifica que, dentre as virtudes, a piedade é a principal dentro da Biblioteca Histórica. Entretanto, em relação ao estoicismo e ao uso da Týchē em Diodoro, Rawson (1985, p. 223, tradução própria) afirma que:

Ele [Diodoro] não é, mesmo que de forma imperfeita, o historiador estoico que alguns buscaram torná-lo. Uma vaga referência ao estoicismo aparece uma vez, mas, no geral, ele tem uma imprecisa noção de Týchē, Fortuna, por vezes vendo-o como justa e ou como caprichosa, enquanto é claramente um elogio dizer que Felipe II da Macedônia devia seu sucesso não à Fortuna, mas às suas próprias qualidades⁸.

Assim, é necessário olhar com atenção ao uso feito por Diodoro do termo. A Týchē era uma importante divindade em cidades como Atenas e Megalópolis, cidade natal de Políbio, autor que utilizou largamente a Týchē e que foi fonte de Diodoro (MORAIS, 2018, p. 227).

Ademais, a ideia de que a Týchē influenciava as ações humanas já era difusa na historiografia no tempo de Diodoro (BONANNO, 2010, p. 86). Ainda Moraes (2018, p. 227) coloca que, no conceito de Týchē, “está implícita a ideia de que algo inesperado pode acontecer e, portanto, não era menos importante para os homens a ela render culto em uma tentativa de controlar, ainda que de maneira provisória, o lote destinado a cada um, na roda interminável de acontecimentos da vida [...]”.

⁸ No original: “He is not really the true, if imperfectly realised, Stoic historian that some have tried to make him. A vague reference to the Stoic Fate crops up once, but on the whole, he is content with an imprecise notion of Tyche, Fortune, sometimes seen as just and sometimes as capricious, while it is clearly praise to say of Philip II of Macedon that he owed his success not to Fortune but his own qualities”.

A moralização em Diodoro Sículo: uma análise da narrativa sobre os eventos de Ducécio

Morais (2008, p. 127) observa que a palavra grega Týchē, na obra de Diodoro, tem grande influência nas ações humanas, pois está ligada ao acaso e ao destino assim, “longe de ser um elemento ‘neutro’, a utilização da Fortuna permite ao historiador narrar sobre os mais diversos destinos de figuras importantes sem tomar partido de alguém ou de alguma cidade de maneira tão explícita” (MORAIS, 2008, p. 129). Dessa maneira, vê-se que o elemento moralizante aliado à Týchē, são dois pontos que fazem parte da narração histórica de Diodoro, uma vez que, o autor usa a segunda como aliada do elemento moralizante, pois a Fortuna auxiliaria aqueles que agem com moderação (HAU, 2016, p. 101). A isso, é complementar a análise de Moraes (2018, p. 228) de que “ao mesmo tempo, a inclusão da Fortuna na narrativa dá ao historiador grande liberdade para manejar o desenrolar dos acontecimentos, de acordo com sua perspectiva metodológica e suas crenças pessoais em relação ao papel da história e o destino de seus principais personagens”.

Tendo isso em vista, é necessário pensar de que forma Ducécio conseguiu entrar em Siracusa e como a Týchē e a Nemesis (Justiça Divina)⁹ teriam influenciado, dentro da narrativa do autor, o julgamento do líder sículo. Como dito acima, no início de suas ações militares Ducécio lutou ao lado de Siracusa contra a resistência anti-democrática da cidade de Catania. Nas seguintes vitórias militares houve, entre Ducécio e Siracusa, o que Bonanno (2010, p. 76, tradução própria) chama de “princípio de não interferência recíproca nas respectivas esferas de interesse”¹⁰. Aliado a isso, em capítulos seguintes, em especial na inicial vitória de Ducécio em Motyon (Diod. Sic. XI, 91, 1) o general

⁹ Os dois termos podem ser considerados como sinônimos, segundo Bonanno (2010, p. 84).

¹⁰ No original: “Principio di non interferenza reciproca nelle rispettive sfere di interesse”.

siracusano Bólcon, derrotado naquela ocasião, foi morto supostamente por ter tido ligações secretas com Ducécio. Segundo Jackman (2006, p. 42), isso demonstra uma relação de amizade entre Ducécio e alguns membros das elites de Siracusa. Essa maior abertura fez com que Ducécio, após a derrota de Nomai (Diod. Sic. XI, 92, 1-3) fosse justamente para Siracusa como súplice.

Nesse ponto, é interessante analisar o aspecto religioso tanto de Diodoro como da cidade. O autor fala de que havia em Siracusa uma parte da cidade que tinha o nome de Týchē (Diod. Sic. XI, 68, 1), entretanto, mesmo não havendo uma certeza sobre a existência de altares para as divindades Týchē (Fortuna) e Nemesis (BONANNO, 2010, p. 75) é interessante observar o relato de Cícero (106-43 a.C), contemporâneo de Diodoro (90 ou 80-30 a.C), em seu segundo discurso contra Caio Verres (Cic. II Verr. 53, 118, tradução própria) em que, ao descrever a cidade de Siracusa ele afirma que “a terceira [parte da cidade] cidade, onde havia um antigo santuário da Fortuna, é chamada de Tycha; onde há um grande gymnasium e vários templos, essa parte da cidade é muito habitada”¹¹. Pode-se supor, portanto, que é possível que tenha existido um culto à Fortuna em Siracusa, o que justificará algumas das situações analisadas a seguir.

Ao chegar em Siracusa (Diod. Sic. XI, 92, 1-3), a primeira ação realizada por Ducécio foi prostrar-se diante dos altares (Diodoro não especifica à qual divindade eram dedicados) como súplice. Bonanno (2010) observa que esse ato não apenas demonstra uma afinidade de Ducécio às divindades gregas, mas também mostra como

¹¹ No original: “Tertia est urbs quae, quod in ea parte Fortunae fanum antiquum fuit, Tycha nominata est; in qua gymnasium amplissimum est et complures aedes sacrae, coliturque ea pars et habitatur frequentissime”.

A moralização em Diodoro Sículo: uma análise da narrativa sobre os eventos de Ducécio

a prostração diante de um altar pudesse ser uma norma do século V a.C. A Týchē entra especialmente nesse contexto. Diodoro, para descrever o momento em que Ducécio se prostra diante dos altares e oferece a si mesmo e todas as suas terras, utiliza a palavra *paradoxon*, que indicaria algo excepcional ou extraordinário (MORAIS, 2008, p. 30). Seguindo a importância de tal significado Fromentin (2006, p. 231, tradução própria) complementa que a “Týchē, por outro lado, via seu uso reservado apenas para situações excepcionais como eventos espetaculares, em que a divindade intervém para trazer mudanças radicais”¹².

Com isso, Siracusa organiza uma assembleia para decidir o futuro de Ducécio (Diod. Sic. XI, 92, 2-3), na qual percebe-se a divisão interna da cidade entre os chamados “demagogos”, que propunham o tratamento de Ducécio como um inimigo e, portanto, deveriam matá-lo; e os Chariéstatoi (anciãos), que propunham uma posição mais moderada, destacando ter piedade do súplice e temer a Týchē e a Nemesis. Diodoro toma uma posição mais favorável aos segundos. Isso pode ser visto em posicionamentos tomados pelo autor em livros anteriores. No fragmento 15 do livro VIII, Diodoro destaca que:

Se por um lado nós ajudamos nossos adversários quando se refugiam em altares e, por outro lado, garantimos mediante juramentos aos inimigos que nada de mal será feito a eles, qual zelo deverá haver diante das mesmas divindades, as quais favorecem os homens pios não somente durante a vida, mas também após a morte [...] (Diod. Sic. VIII, 15, 3)¹³.

¹² No original: “Tychè lui, en revanche, voit son emploi réservé à ces situations aussi exceptionnelles que spectaculaires où la divinité intervient pour apporter un changement radical”.

¹³ No original: “τὸ δὲ ὄλον, εἰ τοῖς μὲν ἐχθροῖς ὅταν πρὸς τοὺς βωμοὺς καταφύγωσι βοηθοῦμεν, τοῖς δὲ πολεμίοις διὰ τῶν ὄρκων πίστεις δίδομεν μηδὲν ἀδικήσῃν, ποίαν χρὴ πρὸς αὐτοὺς ποιεῖσθαι τοὺς θεοὺς σπουδῆν, οἷ οὐ μόνον τοὺς εὐσεβεῖς ἐν τῶν ζῆν εὖ ποιούσιν, ἀλλὰ καὶ μετὰ τὸν θάνατον [...]”.

O próprio Diodoro, no mesmo fragmento destacado acima, afirma que o temor à divindade é mais apropriado ao Estado do que ao indivíduo, por conta de “sua maior proximidade com aquilo que é imortal, eles [os Estados] têm uma natureza próxima à dos deuses e, por durarem muito tempo, esperam a devida recompensa, ou seja, a hegemonia em troca da piedade religiosa, ou a punição em troca de ignorar a esfera divina” (Diod. Sic. VIII, 15, 5)¹⁴. A seguir, Diodoro atribui aos Chariéstatoi o seguinte discurso:

Os mais notáveis dentre os anciãos (Chariéstatoi) se apresentaram declarando abertamente que era necessário ter piedade do súplice e temer a Fortuna (Týchē) e o castigo dos deuses (Nemesis): era necessário, certamente, não considerar qual punição fosse justa contra Ducécio, mas qual ação seria mais proveitosa para os siracusanos, adicionando que não era conveniente condenar à morte um homem já atingido pela má Fortuna mas, pelo contrário, era sinal de magnanimidade do povo mostrar-se respeitos não apenas perante à divindade mas também do súplice (Diod. Sic. XI, 92, 3)¹⁵.

Essa preocupação em relação ao tratamento a ser dado ao líder sículo é um ponto que interessa Diodoro, onde há, segundo Hau (2016, p. 100) uma conexão entre a moderação e a habilidade de não abusar da Eutýchē (boa Fortuna), que o próprio Diodoro destaca no fragmento 33 do livro IX (Diod. Sic. IX, 33, 3) em que diz que “em relação à boa Fortuna, deve-se aceitá-la com moderação, sem se deixar levar pelos sucessos que o homem pode sim alcançar, mas que por uma razão qualquer podem sofrer mudanças”¹⁶. A narração de Diodoro prossegue dando aos Chariéstatoi o apoio

¹⁴ No original: “τῆς τε γὰρ ἀθανασίας ἐγγύτερον οὔσαι προσωκλειωμένην τοῖς θεοῖς τὴν φύσιν ἔχουσι καὶ πολὺν χρόνον διαμένουσαι προσδοκῶσι τὴν ὀφειλομένην ἀμοιβήν, τῆς μὲν εὐσεβείας τὴν ἡγεμονίαν, τῆς δὲ εἰς τὸ θεῖον ὀλιγωρίας τὴν τιμωρίαν”.

¹⁵ No original: “οἱ δὲ χαριέστατοι τῶν πρεσβυτέρων παριόντες ἀπεφαίνοντο σώζειν τὸν ἰκέτην, καὶ τὴν τύχην καὶ τὴν νέμεσιν τῶν θεῶν ἐντρέπεσθαι: δεῖν γὰρ σκοπεῖν οὐ τί παθεῖν ἄξιός ἐστι Δουκέτιος, ἀλλὰ τί πρέπει πράξαι Συρακοσίοις: ἀποκτεῖναι γὰρ τὸν πεπτωκότα τῇ τύχῃ μὴ προσήκον, σώζειν δ' ἅμα τὴν πρὸς τοὺς θεοὺς εὐσέβειαν καὶ τὸν ἰκέτην ἄξιον εἶναι τῆς τοῦ δήμου μεγαλοψυχίας.”.

¹⁶ No original: “ὅτι δεῖ τὴν εὐτυχίαν μετρίως φέρειν καὶ μὴ πεποιθέναί ταῖς ἀνθρωπίναις εὐπραξίαις ἐν μικρᾷ ῥοπῇ

A moralização em Diodoro Sículo: uma análise da narrativa sobre os eventos de Ducécio

popular e a decisão favorável de enviar Ducécio ao exílio na cidade de Corinto, ao invés de condená-lo.

Assim, é possível pensar que Diodoro tomou uma posição favorável aos Chariéstatoi ou por estes serem moderados perante o súplice e observarem os perigos de não se temer a Týchē, ou Diodoro colocou artificialmente essa postura dos Chariéstatoi, por meio de um discurso, que Hau (2016, p. 86) coloca como uma das técnicas para inserir um elemento moral, destacando as virtudes desse grupo político de Siracusa, podendo ser uma postura anti-demagógica do autor. Essa segunda proposição pode ser reforçada pela ideia de que a Týchē “faz parte de um projeto moral do historiador (Diodoro) e tem um papel central” (FROMENTIN, 2006, p. 235, tradução própria)¹⁷.

Conclusão

Retomando o problema posto no início, o artigo se propôs a analisar e compreender os eventos que envolveram o líder sículo Ducécio dentro da perspectiva moralizante de Diodoro Sículo. Pôde-se compreender, portanto, que, graças ao papel dado por Diodoro à Sicília em sua obra, bem como ao contexto conturbado do autor, a história de Ducécio como figura política e militar se insere dentro do âmbito moral da Biblioteca Histórica como um personagem modelar em determinados aspectos, como no bom tratamento dos seus súditos, por meio da distribuição das terras, além das qualidades militares, que ganham destaque pelas sucessivas vitórias do líder sículo. Além disso, há a intenção, por parte de Diodoro, de escrever tal narrativa para mostrar

μεγάλας μεταβολὰς λαμβανούσαις.”.

¹⁷ No original: “Le projet moral de l’historien et y joue un rôle central”.

ao leitor romano que a Sicília, tal como a Grécia e Roma, era capaz de ter um líder militar importante. Não menos importante é o destaque dado à morte causada por Ducécio por meio do engano ao governador de Etna e o fim da aliança com Siracusa, mostrando também um provável abuso da Týchē pelo próprio Ducécio.

Outro destaque importante é o uso da Týchē como elemento narrativo direcionador para as ações dos Chariéstatoi e de Siracusa ao julgar o líder dos sículos. A Týchē pode ser vista, portanto, como mais um artifício usado por Diodoro para inserir o que Hau (2009, p. 172, tradução própria) coloca como uma “moralização implícita e descritiva através da narração de eventos e ações de uma determinada maneira para produzir uma moral”¹⁸. Em suma, os elementos narrativos empregados para a história de Ducécio, longe de serem neutros, têm uma perspectiva pedagógica e moralizante que Diodoro Sículo não esconde, e que se liga à própria visão histórica e moral do autor, como é também apresentado nos fragmentos dos livros VIII e IX, em que há uma exposição quase teórica acerca de suas ideias morais.

Fontes

CICERONE. Le orazioni: Volume primo: dall'81 al 70 a.C. Tradução: Giovanni Bellardi. 2. ed. Torino: UTET, 2002. v. 1.

DIODORO SICULO. Biblioteca Storica: Volume Primo (Libri I-III). Tradução: Marta Zorat. 6. ed. Milano: BUR Rizzoli, 2018.

DIODORO SICULO. Biblioteca Storica: Volume Secondo (Libri IV-VIII). Tradução: Marta Zorat. 3. ed. Milano: BUR Rizzoli, 2021.

¹⁸ No original: “Moralise implicitly and descriptively by narrating events and actions in such a way as to produce a moral”.

A moralização em Diodoro Sículo: uma análise da narrativa sobre os eventos de Ducécio

DIODORO SICULO. *Biblioteca Storica: Volume Terzo (Libri IX-XIII)*. Tradução: Calogero Miccichè. 1. ed. Milano: BUR Rizzoli, 2016.

Referências Bibliográficas

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 5. ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2007.

AMBAGLIO, Dino. **Diodoro Siculo tra storia locale e storia indigena**. Atti del convegno di studi, Caltanissetta, p. 81-86, 2005.

AUDI, Robert. **The Cambridge dictionary of philosophy**. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

BONANNO, Daniela. La supplica di Ducezio ai Siracusani e l'associazione tyche-nemesis nella Biblioteca Storica di Diodoro Siculo. *Alleanze e parentele: Le "affinità elettive" nella storiografia sulla Sicilia Antica 75*, Palermo, p. 75-89, 2010.

CORDIANO, Giuseppe. La Biblioteca Storica di Diodoro di Agirio. In: **DIODORO SICULO**. *Biblioteca Storica*. Milano: BUR Rizzoli, 2018.

FARRINGTON, Benjamin. **Diodorus Siculus: Universal Historian**. Swansea: University of Wales Press Board, 1937.

FROMENTIN, Valérie. **La Tychè chez Diodore de Sicile ou la place de la causalité divine dans la Bibliothèque historique**. *Signes et destins d'élection dans l'Antiquité*, Besançon, p. 229-241, 2006.

HAU, Lisa Irene. The burden of Good Fortune in Diodoros of Sicily: A case for Originality? **Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte**, [s. l.], v. 58, n. 2, p. 171-197, 2009.

HAU, Lisa Irene. Diodorus Siculus: Prefaces and programmatic passages. In: **Moral History: from Herodotus to Diodorus Siculus**. Edinburgh University Press, 2016. cap. 2.

JACKMAN, Trinity. Ducetius and fifth-century Sicilian tyranny. In: LEWIS, Sian (ed.). **Ancient Tyranny**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2006. cap. 3, p. 33-48.

MORAIS, Cynthia. **As lições de história universal da Biblioteca Histórica de Diodoro de Sicília como processo educativo da humanidade**. Orientador: Norberto Luiz

Guarinello. 2008. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

MORAIS, Cynthia. O retrato moral e político de grandes figuras da história na Biblioteca Histórica de Diodoro de Sicília. **Heródoto**, Guarulhos, v. 3, n. 1, p. 223-243, 2018.

MUNTZ, Charles E. **Diodorus Siculus and the world of the late roman republic**. New York: Oxford University Press, 2017.

ORRIOLS, Daniel Nieto. Diodoro Sículo y el imperialismo en la Biblioteca Histórica: Consideraciones y problemas sobre las funciones moralizante y persuasivo-política de la conquista romana. **Intus legere Historia**, [s. l.], v. 9, n. 1, p. 5-23, 2015.

PÉRÉ-NOGUÈS, Sandra. Diodore de Sicile et les Sikèles: histoire et/ou mémoire d'un « ethnos » et de son héros Doukétios. **Dialogues d'Histoire Ancienne**, [s. l.], v. 6, p. 155-170, 2012.

RAWSON, Elizabeth. **Intellectual Life in the Late Roman Republic**. London: Duckworth, 1985.

SACKS, Kenneth S. **Diodorus Siculus and the first century**. New Jersey: Princeton University Press, 1990.